

## LITERATURA E AUTOCONHECIMENTO COMO DISPARADORES DA EXPRESSÃO CRIATIVA: ESTUDO COM UM GRUPO DE MULHERES POR MEIO DA EDUCAÇÃO COOPERATIVA

Thamara Parteka<sup>1</sup>Epaminondas de Matos Magalhães<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo analisar a literatura e o reconhecimento das experiências pessoais como disparadores da expressão criativa em um grupo de mulheres, no contexto da educação cooperativa. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa FOCCO, da Universidade do Estado de Mato Grosso, por meio da célula “Escreva, Mulher!”. De abordagem qualitativa e natureza pesquisa-ação, utilizou práticas de escrita, colagem e pintura, mediadas por leituras literárias. Os resultados evidenciam que a literatura, aliada ao autoconhecimento, favorece a expressão criativa, o compartilhamento de vivências e a construção de um espaço acolhedor. Conclui-se que a educação cooperativa potencializa vínculos, autonomia e produção de conhecimento, além de contribuir para a valorização da subjetividade e da criatividade feminina.

**Palavras-chave:** Literatura; Autoconhecimento; Expressão criativa; Educação cooperativa; Mulheres.

## LITERATURA Y AUTOCONOCIMIENTO COMO DISPARADORES DE LA EXPRESIÓN CREATIVA: ESTUDIO CON UN GRUPO DE MUJERES A TRAVÉS DE LA EDUCACIÓN COOPERATIVA

**RESUMEN:** Este estudio tiene como objetivo analizar la literatura y el reconocimiento de las experiencias personales como disparadores de la expresión creativa en un grupo de mujeres, en el contexto de la educación cooperativa. La investigación se desarrolló en el ámbito del Programa FOCCO, de la Universidad del Estado de Mato Grosso, por medio de la célula “Escreva, Mulher!”. De enfoque cualitativo y carácter de investigación-acción, utilizó prácticas de escritura, collage y pintura, mediadas por lecturas literarias. Los resultados evidencian que la literatura, aliada al autoconocimiento, favorece la expresión creativa, el intercambio de vivencias y la construcción de un espacio acogedor. Se concluye que la educación cooperativa potencia vínculos, autonomía y producción de conocimiento, además de contribuir a la valorización de la subjetividad y de la creatividad femenina.

**Palabras clave:** Literatura; Autoconocimiento; Expresión creativa; Educación cooperativa; Mujeres.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela UNEMAT, DEAD/UAB, Curso de licenciatura em Letras Português/Espanhol- e-mail: [thamara.parteka.p@unemat.br](mailto:thamara.parteka.p@unemat.br)

<sup>2</sup> Professor orientador de TCC do Curso de licenciatura em Letras Português/Espanhol da UNEMAT, DEAD/UAB. E-mail: [epaminondas.matos@unemat.br](mailto:epaminondas.matos@unemat.br)

## **Introdução**

O presente trabalho tem como objetivo descrever práticas de expressão criativa desenvolvidas por um grupo de mulheres, durante a participação da pesquisadora no Programa de Formação de Células Cooperativas Solidárias (FOCCO), vinculado a Pró-reitoria de Ensino de Graduação desenvolvido na Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, na modalidade DEAD.

O projeto que recebeu o nome de célula “Cuidar de si, cuidar do Outro” foi contemplado pelo edital Edital Nº 001/2023 e perdurou até outubro de 2025. A princípio ele tinha o intuito de promover práticas de yoga e meditação para as participantes. Por meio das conversas e leituras que foram sendo realizadas, alguns temas se sobrepuseram e tornou-se necessário aprofundar alguns deles, especialmente os voltados para a experiência de ser mulher no mundo, disparados pelas percepções das participantes com as leituras de poemas de Rupi Kaur.

Assim, conduzimos os encontros para práticas de expressão criativa, utilizando a escrita, colagem e pintura como ferramentas para o encontro com nosso inconsciente e para o estudo de si. Assim, alguns trechos do livro *Cura pelas Palavras* (Kaur, 2023), especificamente exercícios inseridos nos capítulos “Feridas” e “Cura”, de Rupi Kaur e capítulos “O uivo: A ressurreição da Mulher Selvagem” e “tocaia ao intruso: O princípio da iniciação” de *Mulheres que Correm com os Lobos*, de Clarissa P. Estes (1992), foram disparadores da discussão e da produção artística.

Para o uso do material produzido durante os encontros e que se tornaram partes desta pesquisa, adotamos pseudônimos para as participantes, a fim de preservar suas identidades. Assim foram nomeadas como Florência, Flor de Lis, Florbela, Amora e Tulipa. Assim, para o registro dessa pesquisa, tivemos como objetivo geral perceber a relevância do reconhecimento das experiências pessoais, por meio da literatura como disparadores para a expressão criativa. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa qualitativa, pesquisa-ação e educação cooperativa, a partir dos dados coletados e materiais produzidos pelas participantes.

Como objetivos específicos, apontamos: Coletar materiais de expressão criativa que tiveram a experiência pessoal como disparadores; Perceber como se deu o processo de transposição entre a experiência pessoal e a experiência criativa; Coletar as narrativas das participantes que expressam como se sentiram ao produzir material criativo por meio dessa

metodologia e, por fim, avaliar a contribuição da educação cooperativa para a construção de um espaço acolhedor para a partilha de experiências e escrita.

Deste modo, esta pesquisa visa responder a seguinte pergunta: Em que medida a Literatura e o reconhecimento das experiências pessoais podem ser disparadores para a expressão criativa? E, como a educação cooperativa contribui para um espaço seguro para a manifestação dessa expressão? Para respondê-la selecionamos um grupo de mulheres que fazem parte da Célula “Escreva, Mulher!” No âmbito da educação cooperativa desenvolvida pelo programa FOCCO, da Universidade Estadual de Mato Grosso, durante os anos de 2024 e 2025.

### **Cooperativismo na Educação brasileira**

A educação cooperativa trabalha no sentido de resgatar práticas coletivistas, rompendo com os parâmetros da educação individualista desenvolvida dentro do modo de produção capitalista. Nesse contexto, a educação cooperativa torna-se um desafio, já que ela rompe com o *status quo* e, portanto, trata-se de algo que precisa ser ensinado, uma vez que, a solidariedade e autonomia já não fazem parte da cultura moderna.

Segundo Grispio (2002), um dos primeiros movimentos de educação cooperativista no Brasil, aconteceu em Belo Horizonte, no final da década de 1940. As escolas cooperativistas começaram a se difundir de maneira muito tímida, tanto que até a década de 1980 só existiam 11 escolas cooperativistas. Segundo Balzan et al. (2019), foi a partir da década de 1990 que as escolas cooperativistas começaram a ganhar força, sendo criadas mais de 80 escolas por todo país.

A educação cooperativa passou a ser uma alternativa para educação, uma vez que a escola pública brasileira estava defasada, as escolas particulares cobram preços exorbitantes, se comparado ao salário-mínimo nacional, e os professores não chegam a receber o piso salarial. Boessio (2013), defende que uma das funções mais importantes do cooperativismo na contemporaneidade é fomentar o desenvolvimento social em locais marginalizados da sociedade.

Para Valadares (2009), a educação cooperativista é ao mesmo tempo método e processo desenvolvido por um grupo social, a fim de planejar e concretizar políticas de educação relacionadas à prática da cooperação. Para Schneider et al. (2010):

[...] a educação cooperativa se caracteriza por enfatizar os valores humanos e por pretender sensibilizar em prol de tudo o que promove o ser humano, e hoje também em prol do respeito ao meio ambiente, inserido numa visão e numa responsabilidade simultaneamente locais e globais. (p.43).

Desta forma, a educação cooperativa contribui não apenas com a acessibilidade e qualidade na educação, ela contribui para o compromisso social e aprimoramento cultural e reconhecendo a diferença e a democracia como princípios fundamentais, considerando, inclusive a relação do ser humano com as outras espécies. Assim, para Albuquerque (2003), a educação cooperativa deve contribuir para a formação do caráter, consciência política e o compromisso com um mundo mais justo.

### **O Movimento PRECE e o Programa FOCCO: práticas de educação cooperativa**

O Movimento PRECE (Programa de Educação em Células Cooperativas) surgiu no sertão cearense, em 1994, em uma pequena comunidade rural chamada Cipó, em que um grupo de estudantes se reuniu cooperativamente com o propósito de contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem, estimular o protagonismo das pessoas e proporcionar bem-estar social, impactando positivamente centenas de famílias da comunidade. Os princípios norteadores das ações desse movimento são: cooperação, solidariedade, protagonismo social, equidade e empatia (Prece, s/d).

Um dos colaboradores do movimento foi o professor Manuel de Andrade, que ia até os jovens nos finais de semana para apoiá-los e transmitir informações da universidade. Na necessidade de formar uma identidade do grupo surgiu o nome “Projeto Educacional Coração de Estudante”, inspirado na canção de Milton Nascimento. Anos depois, a sigla passou a significar “Programa de Educação em Células Cooperativas” (Prece, s/d).

Conforme os estudantes foram ingressando nas universidades e o movimento chegando a outros municípios, os estudantes foram se organizando em associações e fundando escolas populares cooperativas. Hoje há mais de 13 associações estudantis em vários municípios do Ceará. Em 2009, foi fundada na Universidade Federal do Ceará a Coordenadoria de Formação de Aprendizagem Cooperativa no intuito de ajudar na permanência dos estudantes na universidade. Em 2011, no município de Pentecoste, foi implantada a primeira escola profissional de aprendizagem cooperativa como metodologia.

Inspirado no movimento PRECE, em 2012, foi criado na Unemat o Programa de Formação de Células Cooperativas (FOCCO), como uma política de permanência estudantil.

O FOCCO fundamenta-se na Aprendizagem Cooperativa e nas Células organizadas pelos próprios estudantes. Os dois programas apresentam similitude em suas propostas, uma vez que o protagonismo estudantil nas relações de ensino-aprendizagem e o cooperativismo fazem parte de seus cernes (Mocheuti, 2018).

O Programa está presente na Unemat desde 2012, instituído e regulamentado pela Resolução nº 038/2012 – *Ad Referendum* do Conepe e homologado pela Resolução nº 10/2013-Conepe. Foi reestruturado pela Resolução nº 047/2023-Conepe. Atualmente, o Programa oferta 150 vagas e, em 2025, completou 15 anos de história. (Unemat, 2024).

No programa, há três categorias de estudantes: o bolsista facilitador, o bolsista articulador e o estudante voluntário chamado de “celulando”. O bolsista facilitador é o estudante que já atuou como bolsista articulador e desenvolve o papel de apoiar os bolsistas articuladores, o bolsista articulador planeja as atividades e atua como líder na célula, os celulandos são os estudantes que compõem a célula que apresentam demandas e colaboram uns com os outros. O coordenador do programa apoia e auxilia todas as células, trata-se de um professor efetivo da universidade.

Na prática, as células têm autonomia para desenvolver e trabalhar várias temáticas, seja no campo cognitivo, social, cultural e emocional. As células de aprendizagem são planejadas e executadas com base nos cinco elementos que estruturam a Aprendizagem Cooperativa: interdependência positiva, interação face a face, responsabilidade individual, habilidades interpessoais e avaliação do processo de grupo (Unemat, 2024).

A célula “Cuidar de si, cuidar do outro”, que tinha como proposta a prática de yoga e meditação, foi reconfigurada com foco na expressão criativa. Inspirada em um projeto de escrita feminina, que teve seu livro publicado em 2024, a célula se inspirou com o nome “Escreva, mulher”. Como disparadores da escrita estiveram os relatos e memórias de experiências pessoais, escritos femininos de Kaur e Êstes. Mesmo a proposta trazendo exercícios de escrita criativa, algumas participantes do grupo sentiam um chamado para as Artes Visuais, então, a célula produziu não somente a linguagem escrita, mas se abriu para outras expressões.

### **Literatura Feminina e autoconhecimento: experiências de leitura cooperativa**

As células cooperativas respeitam a dinâmica dos participantes, havendo sempre espaço para escuta, para a fala, para a contribuição de cada um, com comentários e sugestões

de temas. Foi assim que nossa célula inicial “Cuidar de si, cuidar do outro”, tornou-se um espaço de expressão – artística – para as mulheres participantes, que sentiram na educação cooperativa um espaço seguro para expressar seus sentimentos, suas ideias e suas linguagens.

Como parte da metodologia utilizamos a roda de conversa. Ela é uma proposta calcada na metodologia freireana da educação social, que tem como base a dialogicidade, a qual inter-relaciona teoria/prática, eu/outro, fala/escuta, fazer/refazer no ato educativo que é ao mesmo tempo político. Trata-se de uma metodologia participativa que se propõe trabalhar incentivando a participação e a reflexão. Para tal, “buscamos construir condições para um diálogo entre os participantes através de uma postura de escuta e circulação da palavra bem como com o uso de técnicas de dinamização de grupo” (Afonso; Abade, 2019).

A literatura, que é a manifestação estética da linguagem, é disparadora de sensibilidades, uma vez que os personagens e fatos narrados retomam aspectos humanos, e provocam sentimentos de angústia, medo, prazer, por meio dos quais o leitor pode reconhecer suas emoções, em que aspectos da dor, sofrimento, alegria e paixão, entre outros, que são tocados por meio da linguagem, na medida em que o leitor se projeta e mergulha na experiência narrativa.

O livro *Mulheres que correm com os lobos* (1992) é um livro que provoca a sensibilidade e convida ao estudo de si. Isso acontece, porque a autora, psicanalista Clarissa P. Êstes, não apenas traz histórias ficcionais, ela traz essas histórias revelando sentidos ocultos na psique feminina. Por meio de contos como “O barba azul”, por exemplo, ela revela como as mulheres se permitem viver histórias de abuso e violência. Para ela, os sintomas de medo, fragilidade, falta de criatividade são sintomas das mulheres contemporâneas, devido ao acúmulo de funções que ocupam.

Por meio de uma linguagem direta que evoca intimidade, a autora faz as leitoras refletirem sobre suas vivências e a se reconectarem com sua essência, por meio da expressão artística. Ela compõe um texto provocativo como:

O gelo precisa ser quebrado, e a alma, retirada do congelamento. [...] Portanto, qual é a solução? Aja como o patinho. Siga em frente, supere tudo com a luta. Apanhe logo a caneta, comece a escrever e pare de resmungar. Escreva. Pegue o pincel e, para variar, seja má consigo mesma: pinte. Bailarina, vista sua malha, amarre fitas no cabelo, na cintura ou nos tornozelos e diga ao corpo que se mexa. Dance. Atriz, dramaturga, poeta, musicista ou qualquer outra. Em geral, pare de falar. Não pronuncie mais uma palavra sequer, a não ser que você seja cantora. Tranque-se num quarto com teto ou numa clareira sob os céus. Exerça sua arte. Sabe se que o que

está em movimento não se congela. Por isso, mexa-se. Vá em frente. (1992, p.138).

As palavras de Clarissa ecoam nas profundezas da psique feminina, provocando as mulheres a se reconectarem com algo que era importante, mas que ficou para trás, por conta das demandas familiares, econômicas e sociais. Suas palavras são um convite à expressão criativa, seja pela palavra, pela tinta ou com o corpo.

Do mesmo modo profundo e sensível é o livro *A Cura pelas palavras*. A literatura de Rupi Kaur foi popularizada por meio do livro “Outros modos de usar a boca”, seu primeiro livro, no qual ela revela aspectos íntimos de sua experiência em ser mulher, permeada de abusos e violências. Leia-se um exemplo:

o estupro  
 vai te rasgar  
 ao meio

mas  
 não vai ser  
 o seu fim (Kaur, 2017, p. 23).

Kaur utiliza a linguagem não apenas para criar poesia, mas expressar seus traumas e denunciar violências. No livro *A Cura pelas palavras* (2023), Kaur narra como se deu o início do processo de escrita desde a adolescência, até a escrita do seu primeiro livro. Assim, ela diz:

Até hoje, a escrita desse livro permanece como uma das experiências mais catárticas da minha vida. Às vezes, fecho meus olhos e penso nesses anos. 2010. 2011. 2012. 2013. 2014. Como eu era vulnerável a receber. A dar. A sentir. Como era despedaçada. Como era crua. Como sangrava. Como, pela primeira vez na vida, confrontei o abuso que meu corpo havia sofrido. Assumi minha posição com uma confiança que assustava os homens ao meu redor. Eles não gostavam de como eu falava abertamente, no palco, sobre abuso sexual (p.12, 2023).

Kaur mostra como a literatura pode ser um espaço de conhecimento e reconhecimento de si, na medida em que o fluxo de consciência revela aspectos diretos do inconsciente, sendo a escrita um modo de encontrar com suas memórias, reconhecer diferentes versões de si mesmo e um modo de auxiliar na reelaboração e reconstrução de si, após experiências traumáticas, ressignificando-as a ponto de trazer a público, como ela fazia no palco.

A partir de sua experiência de escrita, relacionando a linguagem estética às experiências de vida, em “A Cura pelas Palavras” (2023), Kaur elabora exercícios de escrita criativa, por meio dos quais as mulheres podem se conectar com suas memórias, traumas e sonhos, possibilitando tornar aspectos de suas vivências em escrita, o que faz com que elas não apenas criem literatura, mas expressem aspectos (auto)biográficos de suas vivências, tendo a oportunidade de trabalhar isso em um nível criativo e psicológico.

### **Da escrita criativa à experiência da célula “Escrevam, mulheres!”**

O escritor norte-americano Edgar Allan Poe foi um dos primeiros escritores modernos a refletir sobre o processo criativo. No século XIX escreveu o livro “Filosofia da Composição”, onde dissecou o famoso poema Corvo. No entanto, um marco bastante significativo na história da escrita criativa foi a criação do Programa Escrita Criativa na Universidade de Iowa, nos EUA, um programa de residência em escrita literária que existe até hoje.

Culturalmente, nos EUA, os programas de graduação têm em seu currículo, independente do curso, a disciplina de língua inglesa focada na escrita criativa, pois consideram importante não apenas como exercício para o desenvolvimento da escrita científica, mas também do pensar criativo, por isso, há tantos autores contemporâneos de diferentes áreas do conhecimento naquele país.

MacVean (2016) define a escrita criativa como uma escrita que usa a imaginação, mas não se limita a ela. “Tanto escritores premiados quanto crianças que ainda nem sabem escrever praticam a Escrita Criativa, que pode então ser usada para além da literatura” (p.14). Para ela, o processo criativo da escrita demanda não só imaginação, como foco, concentração no investimento de um texto original.

Em um primeiro momento, apresentamos a proposta para as participantes, que aceitaram a proposta da célula e se sentiram entusiasmadas em desenvolver a escrita criativa, focando na forma poética e na experiência de ser mulher. Após essa roda de conversa inicial, as participantes foram convidadas a realizar uma produção textual, tendo como base o exercício 9 do livro “Cura pelas palavras”. Por meio dele, as participantes foram convidadas a estarem em contato com a natureza, recordando momentos especiais que se lembravam, seja no contato com rios, cachoeiras, árvores e a terra.

Por meio de uma meditação guiada, elas puderam fazer o exercício de imaginar como seriam como folhas. Assim, durante a meditação íamos questionando... De que árvore? De que cor? Está no chão? No galho? Qual a sensação quando o vento toca? Após serem conduzidas à meditação, elas realizaram o exercício 9 proposto por Kaur (2023):

- 1) Como é o toque de sua pele?
- 2) A que árvore você pertence (por exemplo, descreva a aparência e a localização)?
- 3) Você está isolada ou tem um monte de coisas acontecendo ao seu redor?
- 4) Você gosta da sua árvore? Por quê?
- 5) Qual é a sensação quando pessoas passam por você e não prestam atenção?
- 6) Qual é a sensação de ser notada?
- 7) Em geral, o que você pensa de seres humanos?
- 8) Qual é a sensação do vento quando bate nas suas costas?
- 9) Quando o vento te levanta da sua árvore e te leva para dançar, o que você diz para ele?
- 10) Você gosta de perder o controle?
- 11) Termine a frase: O vento me leva para... Onde fica esse novo destino e por que o vento levou você para esse lugar?
- 12) Você sente falta de estar na árvore?
- 13) Se você pudesse fazer um pedido, qual seria?
- 14) Gostaria de dizer mais alguma coisa?

Elas responderam no caderno cada uma dessas perguntas e, depois de respondidas, fomos conversando conjuntamente sobre as respostas, algumas participantes ficaram à vontade para partilhar, outras se reservaram, enfim, a participação foi intercalada. Posteriormente, solicitei que escolhessem algumas palavras das respostas escritas, poderiam ser aleatórias ou que mais fizessem sentido para elas. E a partir das palavras selecionadas foram confeccionados poemas. Aqui apresentaremos dois para ilustrar:

No palco da Natureza  
Giro e Reviro  
Sou soprada pelo vento,  
De um canto a outro.  
Não presto atenção se sou notada,  
Apenas, danço, a dança natural da vida (Florência).

Florência escolheu as palavras Natureza, giro, vento, além da resposta 6 para compor seu poema. Por meio dele, sentimos o movimento da folha que voa de um lado para o outro, apresentando o ritmo da própria natureza e a espontaneidade no existir. Essa participante escreve poemas por *hobby*, tem um caderno dedicado às anotações de pensamentos e poemas

soltos. Percebe-se uma certa afinidade e facilidade para realizar a composição. Leia-se o próximo poema:

Do galho, o vento me toca e por ele sou tocada  
Aqui de cima, me sinto completa  
Em meio aos galhos, no contato com as folhas.  
No passeio das joaninhas.  
Me sinto confortável no invisível,

Inspiro.

O vento não mais toca,  
Ele convoca uma tempestade,  
Que me tira do eixo,  
Que me arranca do meu lugar.

No movimento sinto texturas,  
As cores,  
E os aromas  
Dos caminhos que percorri.

Até que enfim,  
Exalei  
E repousei no solo (Florbela).

Nesse poema é possível perceber a presença do eu na narrativa, já que o eu-lírico expressa seus sentimentos. Há uma relação entre ele e a natureza, expressa pelos galhos, outras folhas, insetos. De modo semelhante ao poema de Florência, o de Florbela apresenta, também, uma naturalidade no apenas existir. O recurso utilizado foi o da própria respiração. Durante a inspiração a folha é arrancada da sua zona de conforto e, por meio do vento tempestuoso, ela viaja por diferentes espaços... outros caules, árvores? Contato com outras flores? Mesmo sendo um caminho tempestuoso, ela conseguiu perceber a realidade a qual estava. Quando exalou o movimento parou. Ela se conectou com o solo, com o fim.

A escrita criativa possibilita um contato com a psique feminina, na perspectiva de Clarissa Pinkola Estés (1992), é um poderoso instrumento para acessar e reconectar-se. Por meio escrita expressiva, as mulheres podem explorar suas emoções, instintos e experiências, resgatando aspectos reprimidos de si mesmas e encontrando cura e poder pessoal.

Esse exercício lúdico da folha possibilita às mulheres perceberem a leveza e a fluidez a partir de um movimento externo a elas, o vento. Assim, é o exercício de sair do controle e permitir ser conduzida por algo externo. É uma possibilidade de conexão com sua criança

interior, já que por meio da ludicidade é possível alcançar aspectos íntimos e internos que, por vezes, estão nos escombros do inconsciente.

Por meio do arquétipo da “Mulher Selvagem”, conectada por meio do exercício criativo, Estés (1992) afirma que as mulheres podem se conectar com aspectos mais instintivos e criativos, os quais são cotidianamente reprimidos pelas expectativas sociais e culturais. O contato com a escrita de si, provocada pelos exercícios de escrita criativa, possibilita às mulheres redescobrirem sua autenticidade e se reconectar com aspectos mais íntimos e genuínos de si mesma.

Em outra oficina, realizada a partir do tema “Não toco as coisas, a vida toca em mim”, foram realizados exercícios sensoriais, por meio dos quais as participantes estiveram em contato com objetos, a fim de sensibilizar o olfato, o tato, paladar e a audição. Em seguida, fizemos o exercício sensorial “Que memórias me despertam a audição?”, por meio do qual as participantes realizaram um exercício de fluxo de consciência para obter os elementos que seriam matéria-prima da produção criativa.

O fluxo de consciência é uma técnica narrativa que busca representar o fluxo de pensamentos e sensações de um personagem de forma espontânea e, por vezes, desorganizada. O objetivo é reproduzir a experiência subjetiva da mente, permitindo que o leitor acesse diretamente os pensamentos, memórias e impressões internas do personagem.

Diferentes escritoras utilizaram essa técnica para compor suas narrativas, dentre elas destacamos Virgínia Woolf (1882-1941), Hilda Hilst (1930-2004) e Clarice Lispector (1920-1977). Na obra, “A hora da estrela” podemos reconhecer o uso da técnica:

Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite. Embora não aguento bem ouvir um assovio no escuro, e passos. Escuridão? Lembro-me bem de uma namorada: era moça-mulher e que escuridão dentro de seu corpo. Nunca esqueci: jamais se esquece a pessoa com quem se dormiu. O acontecimento fica tatuado em marca de fogo na carne viva e todos os que percebem o estigma fogem do horror (Lispector, 1984, p.24)

As participantes do grupo realizaram o exercício do fluxo de consciência, mas algumas delas quiseram lapidar os versos, não mantendo o conteúdo original do fluxo, para justamente utilizar a linguagem para chegar mais próximas dos sentidos que emergiram do mergulho. Nos chamou a atenção o poema de Flor de Lis que trabalhou de forma sinestésica o tato com a percepção psicológica da existência, por meio da dança:

Por meio de sua condução,  
 Entre o ritmo gaúcho e mariachi,  
 Sou rodopiada dos Pampas à Matorrales

Permito-me ser levada,  
 Mesmo imbuída de medo,  
 Não da viagem,  
 Do frio dos Himalaias,  
 Ou da umidade densa das florestas...

Mas, de você impulsionar,  
 Para o passo que permitirá encontrar  
 em mim mesma  
 O desértico e seco solo estrangeiro  
 Que sempre acreditei que estivesse fora.

Você vai devagar,  
 Eu vou devagar.  
 A canção vai devagar  
 Ao vagar a vida flui.

E nessa dança exótica,  
 Antes da pose final,  
 O seu solo  
 E o meu solo  
 Se solodeslizam  
 E encontram na mata Atlântica  
 Os aplausos da existência.

Ela nos informou que o disparador de seu poema foi uma música gaúcha que havia sido ouvida naquela manhã, colocou novamente a canção e permitiu que escrevesse tudo o que viesse à mente. Lembrando da canção enviada pela pessoa amada, Flor de lis permite que o fluxo passe sobre ela e ela produza uma poesia reveladora de seus medos e temores em relação ao amor. Em sua criação, reconhece-se não apenas elementos do exercício proposto por Kaur (2017, 2023) e os afetos que canção disparou, mas o uso de neologismo, como a palavra “solodeslizam”, fazendo referência ao ato de dançar só e no solo, deslizar ao encontro de um com outro. E também a intertextualidade com o poema do Drummond (2002):

Um homem vai devagar.  
 Um cachorro vai devagar.  
 Um burro vai devagar.  
 Devagar... as janelas olham.

Embora Bakhtin (1984) não tenha usado esse termo, sua teoria da dialogicidade forneceu subsídios para as bases da intertextualidade. Segundo ele, o sujeito “recebe a palavra da voz de outro e a preenche com aquela outra voz. A palavra entra em seu contexto de outro contexto, permeada com interpretações de outrem. Seu próprio pensamento encontra a palavra já habitada” (1984, p.201). Para Julia Kristeva (1980) toda palavra ou texto resulta da intersecção de palavras (textos), na qual ao menos uma outra palavra (texto) pode ser lida e que há dois eixos, o horizontal (sujeito-destinatário) e vertical (texto-contexto). Por meio do poema de Flor de Lis, percebe-se os diferentes recursos mobilizados para a criação poética.

### **Considerações Finais**

A experiência da educação cooperativa abre espaço para a produção de conhecimento de modo interdisciplinar, dialógico, plural e democrático, em que os participantes, por interesses comuns, se debruçam sobre temas e interesses que são semelhantes. É um método de aprendizagem que desenvolve a autonomia dos estudantes e gera um vínculo por meio da identidade do grupo, do contato e das trocas de aprendizagem e de afeto que acontecem por meio da convivência, ampliando não apenas o repertório de conhecimento, como fortalece os vínculos favorecendo a permanência estudantil no ensino superior.

A partir do levantamento histórico realizado, apresentamos como surgiu a educação cooperativa e como ela se difundiu, chegando até a Unemat, universidade que contempla grupos de bolsistas que se organizam por meio de células cooperativas, por meio do qual foi possível a realização dessa pesquisa. Por meio de um projeto de ensino, desenvolveu-se essa pesquisa que contemplou um grupo de estudantes de dentro e fora da universidade, em que teve a escrita criativa, a experiência feminina e o autoconhecimento como disparadores de produção de conhecimento.

Como resultado, verificou-se a abertura de um espaço de expressão, leitura e escritura onde mulheres, estudantes da universidade, puderam ouvir e compartilhar experiências marcadas tanto pela dor, quanto pelo prazer. Neste contexto, as atividades e interações possibilitaram que elas se sentissem vistas, acolhidas, reconhecidas por suas histórias e utilizassem suas memórias e vivências como instrumentos para a promoção da criatividade, desconstruindo a ideia de que somente grandes escritores podem escrever. Neste sentido, o projeto serviu também para desconstruir o tabu da escrita literária, já que por meio de lembranças e meditações as participantes foram encorajadas a escrever.

O desenvolvimento deste trabalho permitiu que verificássemos que os benefícios da prática da escrita criativa vão além de aprender a escrever formatado na língua padrão, mas é um meio para aprender para expressar sentimentos ou simplesmente fruir. A escrita criativa colabora para a neuroplasticidade do cérebro, provocando uma reserva cognitiva, fazendo com que aqueles que exercem essa prática tenham menos chances de serem afetados por doenças mentais, tais como Alzheimer e possibilitando a abertura do exercício da criatividade em diferentes âmbitos da vida, especialmente da pesquisa, não se reduzindo, apenas, à experiência literária, que por si só já tem grande valor.

Assim, aliando a experiência da escrita criativa com a educação cooperativa produzimos um espaço de conhecimento e partilha, pautado tanto no campo científico, na pesquisa com a linguagem e arte, como no desenvolvimento de valores humanos, como a solidariedade, cooperativismo e amizade, fortalecendo vínculos e produzindo conhecimento.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda; ABADE, Flávia Leme. **Para reinventar as rodas:** rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008.

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. **Reflexões Sobre Contemporaneidade, Educação e Agir Cooperativo.** uniRcoop, São Leopoldo, v.1, p. 19-32, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Cidadezinha qualquer. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BAKTHIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski.** São Paulo: Forense universitário, 1984.

BALZAN, Amanda R et al. Educação cooperativa: experiências em cooperativas escolares para a preparação profissional. In. **Revista de Gestão Estratégica de Organizações – Gesto.** v. 7, n. 2, 2019, p. 102-116.

BOESSIO, Amábile T. **Educação cooperativa e a ação social:** o caso do programa a união faz a vida. 2013.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos:** mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GRISPIANO, Izabel S. **Cooperativa educacional.** 2002. Disponível em: [http://www.izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1511operativaeducacional&catid=103:artigos-educacionais&Itemid=456](http://www.izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1511operativaeducacional&catid=103:artigos-educacionais&Itemid=456)>. Acesso em: 23 junho. 2025.

KAUR, R. **O que o Sol faz com as flores**. São Paulo: Planeta, 2017.

KAUR, R. **A Cura pelas palavras**. São Paulo: Planeta, 2023.

KRISTEVA, Julia. **Desire in language**: a semiotic approach to literature and art .Trad.Thomas Gora, Alice Jardine and Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1980.

LISPECTOR, C. **A hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MACVEAN, Kendall Elizabeth. Expansion and inclusion of creative writing: a course for academic writers. 2016. Monografia (Bachelor of Arts) – Appalachian State University, Carolina do Norte, 2016. Disponível em: <https://libres.uncg.edu/ir/asu/listing.aspx?styp=ti&id=21425>. Acesso em 21 set.2026.

MOCHEUTI, Karina N. **Aprendizagem cooperativa na Educação superior**: um estudo do programa de Formação de Células Cooperativas na Universidade do Estado de Mato Grosso. Dissertação de Mestrado. Unemat, 2018.

PRECE. Aprendizagem Cooperativa e Solidária | Movimento PRECE. **Website** disponível em: Aprendizagem Cooperativa e Solidária | Movimento PRECE.

SCHNEIDER, José Odelso; FRANTZ, Walter; HENDGES, Marlete (Orgs.). **Educação e Capacitação Cooperativa**: sua importância e conteúdo. São Leopoldo: Unisinos, 2010. p. 43.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (Unemat). **Programa de Formação de Células Cooperativas e Solidárias (FOCCO)**. Cáceres: Unemat, 2024. Disponível em: <https://unemat.br/site/focco>. Acesso em: 21 set. 2026.

VALADARES, J. H. **A Prática de Organização do Quadro Social nas Cooperativas Mineiras**. Belo Horizonte: OCEMG/PNFC/INTERCOOP. Disponível em: [Vista do A comunicação na transmissão da educação cooperativista](#) (2009).

WOOLF, V. **Ao Farol**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2013.